

A influência de Bakhtin no caminhar da personagem Matraga, da obra *Sagarana*, de Guimarães Rosa

Wellington Costa de Oliveira¹

Resumo

O presente trabalho pretende demonstrar a influência de Bakhtin na personagem Matraga, do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, da obra *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Nessa perspectiva, nota-se que a obra literária de Rosa, nesse conto, dialoga com os estudos de Bakhtin em dois aspectos: na questão do cronotopos da estrada e na questão da carnavalização. Para tanto, revisitam-se os escritos bakhtinianos acerca da obra de Rabelais, assim como as explicações do Círculo a respeito do conceito de cronotopia e carnavalização. Palavras-chave: Literatura. Cronotopo. Carnavalização. Sagrado. Profano.

1 Introdução

De acordo com Bakhtin (1998), o cronotopo configura-se como preâmbulo da análise do gênero, isto é, o ponto central da organização dos acontecimentos espaço-temporais. Por essa ótica, apreende-se que, para cada gênero, tem-se uma orientação espaço-temporal diferente. Partindo-se do pressuposto de que o gênero é determinado pelas condições sociais específicas que dão substancialidade ao seu cronotopo, nesse sentido, o conto em estudo traz em sua construção marcas importantes da influência do cronotopo de Bakhtin.

Ao pensar-se em cronotopo na literatura, de acordo com a visão de Bakhtin, tornam-se visíveis dois pontos emblemáticos levantados pelo autor: o primeiro, que a Literatura assimilou de maneira complexa o tempo e o espaço, bem como o indivíduo histórico que se revela nessas duas categorias; o segundo, que cada sociedade, dadas as suas condições históricas, assimilou parte dessa realidade e forjou gêneros textuais de acordo com essa assimilação.

No que tange à carnavalização, presente no conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, vê-se que há momentos marcantes que demonstram a sua influência na literatura de Rosa. Ao mesmo tempo, observa-se que esse apropriar-se do sagrado ressignificando-o é um recurso importante dentro da literatura.

De fato, a literatura, enquanto arte, se utiliza dos diversos recursos e dialoga com outros textos para construir seu objeto. Dessa forma, o diálogo que aqui se estabelece entre o texto de Rosa e Bakhtin só tende a enriquecer a análise do conto literário e a própria literatura.

¹ Servidor Público Federal, lotado na Diretoria de Graduação, Chefe da divisão de Matrículas da UFVJM. E-mail: wellington_costa_de_oliveira@hotmail.com.

2 A importância do cronotopo de Bakhtin na construção da personagem Matraga

Ao se fazer a primeira leitura do conto, o leitor depara-se com um sujeito denominado Augusto Esteves, que leva uma vida desregrada, sem limites, e que, num determinado momento de sua vida, perde tudo, é humilhado, espancado, e quase morto. Essa personagem passa um período no “purgatório”, aceita a fé cristã na perspectiva da salvação e da remissão dos pecados. As desgraças e peripécias na trajetória da personagem, os sentimentos passados, o drama de reconhecer-se pecador e culpado e a experiência ardorosa de mudar a própria história só serão compreensíveis em terreno sagrado.

De forma mais aprofundada, busca-se trabalhar os conceitos estruturais da construção de *Sagarana*, na perspectiva de Bakhtin. Observa-se que Bakhtin (1998, p. 222), ao tratar as formas de tempo e espaço que configuram o cronotopo em um romance, destaca a importância do cronotopo estrada com a seguinte afirmação: “O encontro é um dos mais antigos acontecimentos formadores do enredo do epos (em particular do romance)”. Ainda segundo o autor, o encontro se relaciona com “a separação, fuga, reencontro, a perda, o casamento, etc.” Ao mesmo tempo, mantém a estrita relação com o cronotopo da estrada – lugar privilegiado onde ocorrem vários tipos de encontros.

No conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, encontra-se o cronotopo da estrada em diversos momentos, o que torna visível a influência do encontro no desenvolvimento da história. Na estrada de volta para casa, ocorre o encontro entre Dionóra e seu amante; e, a partir desse encontro, ela decide abandonar Nhô Augusto: “Mas, na passagem do brechão do Bugre, lá estava seu Ovídio de Moura, que tinha sabido, decerto, dessa viagem de regresso.” (ROSA, 2012, p. 332).

O desencontro de Dionóra com Nhô Augusto propiciou o encontro com Ovídio e, conseqüentemente, a perda da mulher. É igualmente na estrada que Nhô Augusto passa pela quase-morte nas mãos dos capangas do major: “Cresceu poeira, de peneira. A estrada ficou reta, cheia de gente com cautela. Chegou à chácara do major.” (ROSA, 2012, p. 334).

É na estrada que Matraga encontra Joãozinho Bem-Bem, e desse encontro nasce a grande amizade entre os dois: “Nhô Augusto que vinha de vir do mato, carregando um feixe de lenha para um homem chamado Tobias da Venda, quando soube do que havia, jogou a carga no chão e correu ao encontro dos recém-chegados.” (ROSA, 2012, p. 349).

Ao partir para sua “hora e vez”, a estrada proporciona a Nhô Augusto o encontro com o belo, com o sensível, com a vida, com a contemplação: “As estradas cantavam. Ele

achava muitas coisas bonitas, e tudo era mesmo bonito, como são todas as coisas, no caminho do sertão” (ROSA, 2012, p. 359). Essa possibilidade de contemplar adquirida por Nhô Augusto demonstra que o sertão agora é outro, não porque tenha mudado, mas, sim porque houve uma mudança na forma como Nhô Augusto o observa. Ocorre com Nhô Augusto a descoberta do sagrado no mundo que o cerca. Nesse sentido, Eliade (2010, p. 19) afirma: “Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica.”

Ao partir pela estrada, o mundo se revela à personagem, favorecendo o encontro desta com o mundo. A presença desse cronotopo no conto é uma marca distintiva da trajetória de Matraga: “É enorme o significado do cronotopo da estrada em literatura: rara é a obra que passa sem certas variantes do motivo da estrada.” (BAKHTIN, 1998, p. 222). Como se pode perceber, a obra literária de Rosa não está isenta da influência desse cronotopo.

3 A carnavalização presente no conto “A hora e vez de Augusto Matraga”

Rosa constrói uma “ponte” e estabelece o diálogo entre o sagrado e o profano, entre o bem e o mal, entre a violência e a religiosidade. Essa “ponte” aproxima a escrita do autor à carnavalização descrita por Bakhtin. Rosa relata que, logo após o leilão religioso e a procissão, ocorre outro leilão, no qual duas mulheres são colocadas à venda. Nessa passagem, ocorre a carnavalização do rito sagrado pelo profano. A ritualização que acontece em tal momento tem como característica a natureza não oficial, é como se o povo tivesse uma segunda vida, na qual as práticas da Igreja se misturassem às práticas mundanas – em outras palavras, a práticas profanas.

Nesse ambiente, o povo participa com liberdade, com fartura, ocorrendo a suspensão de todas as hierarquias e, ao mesmo tempo, a dissolução da fronteira entre o sagrado e o profano. Bakhtin (1981, p. CXL), ao falar sobre o carnaval, afirma que ele “aproxima, reúne, celebra os esponsais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc”. No conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, o rito religioso acontece de forma rápida e simplista: “Procissão entrou, reza acabou. E o leilão andou depressa e se extinguiu, sem graça, porque gente direita foi saindo embora, quase toda de uma vez.” (ROSA, 2012, p. 326).

Por seu turno, logo em seguida, ocorre o rito profano, o leilão de duas raparigas. Ocorre a disputa entre os presentes que iriam arrematá-las: “Quem vai arrematar a Sariema?” (ROSA, 2012, p. 326). Os presentes gritam, agitam, aplaudem, uma verdadeira festa. E assim

vai-se configurando a carnavalização no conto “A hora e vez de Augusto Matraga”. Tudo ocorre bem próximo ao sagrado, “num leilão atrás da igreja” (ROSA, 2012, p. 325). Ocorre aqui uma festa dionisíaca, em que há a liberação das proibições, o excesso é permitido, há entusiasmo na celebração, no delírio e no êxtase. A ordem social é rompida, a criatividade se expande, tornando-se carnavalesca e ao mesmo tempo orgiástica. Para Bakhtin (2008, p. 128), tal situação “reflete a concepção única do mundo que se cria nas contradições, embora exista isoladamente”.

De posse desses aspectos, pode-se dizer que o espaço sagrado está separado do profano, o limiar entre os dois é o templo, a Igreja. Eliade (2010, p. 29) assim descreve esse espaço sagrado: “é fácil compreender por que a igreja participa de um espaço totalmente diferente daquele das aglomerações humanas que a rodeiam. No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido”. E, conforme Bakhtin (1981, p. CXLV), o espaço aberto ao público é uma das características do carnaval: “O principal palco das ações carnavalescas eram a praça pública e as ruas contíguas.” É nesses espaços que as pessoas se misturam, se confundem e se homogeneízam.

Na praça, as pessoas se aproximam, a hierarquia desaparece, e, ao eliminar-se a hierarquia, desaparece o corpo individual, fazendo nascer no homem o sentimento de integrar a coletividade, de ser membro popular. Mesmo pertencendo à hierarquia dos fazendeiros, Nhô Augusto, durante o leilão, se integra ao popular e ao profano. As diferenças foram diluídas entre ele e os demais participantes.

Os indícios e as pistas deixados por Rosa na construção do conto reforçam que Matraga vivera uma experiência religiosa, construída através dos conflitos pelos quais passou. Estar permanentemente entre o sagrado e o profano, vivenciando a força dessas duas realidades na própria vida, vai direcionar a ação de Matraga, e é através de suas ações que a religiosidade vai-se configurando com maior intensidade e traçando o percurso feito por ele rumo à santidade.

Nesse ambiente, sob a influência do cronotopo da estrada e da carnavalização, a personagem vai-se construindo ao longo do conto. E, conforme assevera Bakhtin (2003, p. 364), “uma obra de literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude só se revela no grande tempo.” Dessa forma, ao proceder-se a um estudo literário de uma obra, faz-se necessário estabelecer um diálogo entre a literatura, a cultura e a história.

4 Conclusão

Este breve artigo surge como uma tentativa de relacionar aspectos presentes no conto “A hora e vez de Augusto Matraga” com os conceitos de Bakhtin de cronotopos e carnavalização. Nesse sentido, estabeleceu-se um diálogo entre a obra literária e os postulados bakhtinianos, mostrando-se a trajetória da construção da personagem Matraga e apresentando também o caminho percorrido.

Ao fim deste texto, reitera-se a riqueza da obra de Rosa e de sua construção literária.

Recebido em maio de 2015.

Aprovado em dezembro de 2015.

The influence of Bakhtin in *Matraga*, of Sagarana work, by Guimarães Rosa

Abstract

This paper aims to show the influence of Bakhtin in Matraga character of the story “The time and place of Augusto Matraga” the Sagarana work. From this perspective, we note that the literary work of Rosa, in this story, dialogues with the studies of Bakhtin in two aspects: on the issue of cronotopos the road and on the issue of carnivalization. Therefore, Revisited is written Bakhtinian about the work of Rabelais, as well as explanations of the Circle on the concept of cronotopia and carnivalization.

Keywords: Literature. Cronotopo. Carnivalization. Sacred. Profane.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução: Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo; Brasília: Hucitec, 2008.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 1.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução: Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.